



RETALHOS DE MEMÓRIA ARTÍSTICA COMO PRODUÇÃO DOCENTE: INTERVENÇÕES E NARRATIVAS VISUAIS

ANA CLÁUDIA BARIN

RESUMO

Essa escrita apresenta recortes de uma pesquisa que teve como objetivo pensar o que trazemos em nossas bagagens culturais e artísticas para o ambiente acadêmico. A investigação foi concebida a partir do Curso de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado – da Universidade Federal de Santa Maria, localizada na cidade de Santa Maria, RS. O estudo procurou explorar quais visualidades nos são familiares e como trabalhamos com a arte até então, em outros contextos, fora da universidade. A pesquisa se justifica pelo ato de atenção ao repertório cultural e imagético que construímos ao longo da vida, e que tipo de escolhas fazemos ao lançar nosso olhar rotineiro para múltiplos disparadores diariamente. A proposta buscou ativar o conceito de memória fragmentada, vasculhando baús de lembranças da infância e adolescência e identificando lugares potentes que possamos usar como estímulos de invenção. Com foco na criação plástica e visual, juntamente com intervenções que ocorreram no ambiente universitário, os resultados da pesquisa se manifestaram através das fotografias dos registros feitos pelos estudantes e pela professora que coordenou o projeto. Isso possibilitou a elaboração de caminhos metodológicos diversos para a produção de narrativas escritas e visuais. Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi possível perceber a importância de reconhecer e valorizar os repertórios culturais individuais que cada estudante traz consigo. Essas bagagens, compostas por memórias e experiências únicas, contribuem significativamente para a formação artística e acadêmica. Ao trabalhar com essas referências pessoais, a pesquisa incentivou a criação de obras que dialogam com o passado e o presente dos participantes, promovendo uma reflexão profunda sobre a origem e a evolução de suas práticas artísticas. Além disso, as intervenções e atividades propostas no âmbito da universidade abriram espaço para que os estudantes experimentassem novas formas de expressão e compartilhamento de suas histórias e perspectivas. Assim, a pesquisa não apenas ampliou o entendimento sobre as influências culturais e artísticas presentes no ambiente acadêmico, mas também proporcionou um rico campo de experimentação e descoberta para todos os envolvidos.

Palavras-chave: Leonilson; bagagem cultural; repertório; artes visuais; intervenção artística.

1 INTRODUÇÃO

A ideia de pesquisa que resultou em fragmentos para este texto perpassa por questões artísticas que instigaram diferentes produções plásticas/visuais com o intuito de desmistificar a noção de ‘vazio’ que muitas vezes pode ser atrelado, aos calouros das universidades, de forma geral. Podemos pensar que, no momento de ingresso no ambiente universitário, existem inúmeros questionamentos que podem ‘afogar’ e paralisar movimentos criativos e, neste caso, com o foco em estudantes do Curso de Artes Visuais, o que pode despertar sentimentos nulos de invenção, sem atentar-se para estímulos importantes que cernem a criatividade.

Como começar uma pesquisa artística? Qual a forma de experimentar diferentes materialidades? Que artistas necessito conhecer/reconhecer? Que tipo de bagagem artística carrego comigo? – Tais questionamentos, que talvez surjam nos primeiros passos ao adentrar

em um curso de ensino superior na área das artes, também podem servir de mote para diferentes pesquisas e estudos na área. Não podemos esquecer que quando os acadêmicos ingressam nas universidades, trazem a este lócus acadêmico suas vivências culturais, saberes locais e regionais, que são potencializados com saber científico.

Pensando em potencializar as vivências individuais e remexer na bagagem cultural de cada estudante, trabalhamos com a ideia de produção de retalhos a partir de memórias logo nas primeiras aulas, para assim conseguir manter um percurso narrativo coerente. Essas aulas aconteceram no primeiro semestre do ano de 2017, no curso de Artes Visuais – Bacharelado e Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria/RS e foram ministradas pela professora em questão, que no período atuava como docente substituta do Departamento de Artes Visuais. O intuito de trabalhar nas primeiras aulas foi para estimular a curiosidade de trazer para as produções e narrativas visuais o que cada acadêmico pensava sobre arte (e seus artefatos) para além do que era trabalhado no curso de Artes Visuais.

A realização dessa produção se justifica pela necessidade de compreender e valorizar as bagagens culturais, narrativas artísticas e escritas que os estudantes trazem para o ambiente acadêmico. Considerando que essas bagagens são formadas ao longo da vida e refletem um repertório cultural e imagético singular, é fundamental investigar como esses elementos influenciam a prática artística no contexto universitário. Ao reconhecer a diversidade de visualidades familiares aos estudantes e explorar como eles trabalharam com a arte em outros contextos, a pesquisa contribui para uma educação mais inclusiva e contextualizada.

Recorremos ao conceito da memória/memória involuntária ou fragmentada para movimentar a proposta, que procurou remexer em diferentes elementos presentes nas experiências de vida dos acadêmicos. “Utilizar-se da memória é fazer uso deste exercício de voltar atrás, buscar aquilo que nos afeta, que nos deixou marcas, adentrar, arriscar e lembrar fatos e passagens que nem sempre trazem satisfação” (OLIVEIRA, 2014, p. 121). Assim, para dar sequência da atividade em sala, os estudantes elaboraram uma espécie de diário que auxiliou para os registros e narrativas, tanto escritas, quanto visuais e colaborou para a seleção da bagagem cultural que utilizaram para os trabalhos que iriam compor a intervenção.

O foco no conceito de memória involuntária ou fragmentada (DELEUZE, 2006) que busca acessar lembranças da infância e adolescência, é crucial para estimular a invenção e a criatividade. Essa abordagem permite que os estudantes conectem suas experiências pessoais com a produção artística, enriquecendo tanto o processo criativo quanto o resultado. Além disso, ao promover intervenções no ambiente universitário, a pesquisa facilita a criação de narrativas escritas e visuais, oferecendo caminhos metodológicos variados que podem ser utilizados em futuras práticas educacionais.

Com esta busca em seus ‘baús de memória’, os estudantes tiveram a oportunidade de remexer em suas inspirações de um passado que é alargado para o presente, operando uma memória que não segue completa, que é fragmentada, que é produzida em blocos de sensações. A memória involuntária é constituída de fragmentos, de blocos de sensações, e “nos dá a eternidade, mas de tal forma que não tenhamos a força de suportá-la mais do que um instante, nem o meio de descobrir-lhe a natureza” (DELEUZE, 2006, p. 59). Importante dizer que, ao tratar do conceito de memória involuntária, não foi abarcado nos registros e nas produções lembranças inteiras, narrativas completas e nostálgicas e sim tempos coexistindo, construindo e invencionando com o que já foi, juntamente com aquilo que ainda será.

Discorrendo sobre os objetivos da proposta com a construção dos retalhos de memória, buscou-se compreender a influência das bagagens culturais e repertório artístico que os estudantes trazem para o ambiente acadêmico. Primeiramente, a pesquisa visou identificar quais visualidades são familiares aos acadêmicos e como suas experiências prévias com a arte, fora da universidade, moldam suas percepções e práticas artísticas. Em segundo lugar, foi possível explorar e valorizar o repertório cultural e imagético construído ao longo da vida dos estudantes,

examinando as escolhas visuais que fazem diariamente ao interagir com diversos estímulos. Outro objetivo crucial foi ativar o conceito de memória involuntária ou fragmentada pelo autor Gilles Deleuze (2006), incentivando os participantes a vasculharem lembranças da infância e adolescência para descobrir elementos potenciais que pudessem ser utilizados como fontes de inspiração e criação.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para a construção e escolha de um caminho metodológico, foi apresentado aos estudantes alguns artistas que trabalham com materiais distintos em suas produções e, com o foco em um artista específico, foi possível movimentar a escolha das materialidades para dar forma as narrativas visuais a partir das memórias. Desta maneira, os acadêmicos puderam compor suas ideias inspirados na produção plástica do artista brasileiro José Leonilson.

José Leonilson Bezerra Dias, nascido em 1957 em Fortaleza, Ceará, é um renomado artista brasileiro cuja obra abrange pinturas, desenhos, esculturas, instalações e bordados. Ele se destacou especialmente no campo do bordado, onde criou algumas de suas séries mais conhecidas. Leonilson é reconhecido por sua capacidade de expressar sua interioridade e subjetividade, com seus trabalhos frequentemente sendo comparados a um diário íntimo, refletindo suas experiências e emoções pessoais.

Durante sua produção artística, Leonilson retomava constantemente elementos pertinentes de sua memória, como o livro aberto, a torre, o coração, a espiral, o relógio, a bússola e a ampolheta, entre outros, elementos estes que permaneceram em sua obra até o fim da vida. Estes elementos apareciam com diferentes formatos estéticos, e em diferentes materiais, assim explorados por Leonilson.



Leonilson, Deixou-se tomba (1988)
Tinta acrílica, chapá de cobre e parafuso s/lema
Fonte: www.projetojleilson.com.br



Leonilson, Se você sonha com nuvens (1991)
Linha sobre voile
Fonte: www.projetojleilson.com.br

Para desenvolver caminhos metodológicos inspirados na produção artística de José Leonilson, foi essencial incorporar uma abordagem pessoal e introspectiva, refletindo a jornada de auto exploração e expressão emocional que caracteriza a obra do artista. A metodologia proposta se fundamenta justamente na produção dos diários pelos estudantes, assim como o percurso de criação dos trabalhos inspirados pela obra do artista e resulta, como processo final, na intervenção realizada no campus da Universidade Federal de Santa Maria/RS.

Inicialmente, a fase de investigação e inspiração envolve a reflexão dos acadêmicos/artistas sobre suas próprias histórias, sua bagagem cultural, suas emoções e experiências pessoais, incentivando a criação de um diário escrito ou visual que registre pensamentos, memórias e sentimentos a serem explorados nas obras. A análise detalhada das obras de José Leonilson, focando em suas técnicas, uso de materiais e temas pessoais, foi de suma importância para a criação dos trabalhos produzidos pelos acadêmicos.

A próxima etapa, de exploração de materiais e técnicas, inicia-se com a seleção de

suportes variados como base para as criações, escolhendo materiais como papéis e tecidos que ofereçam diferentes texturas. Introduz-se, então, técnicas básicas de bordado, colagem e recortes, incentivando a prática de pontos simples que desenham ou escrevem sobre o tecido. Paralelamente, são ensinadas técnicas de desenho e pintura com tinta acrílica, nanquim e aquarela, aplicáveis diretamente no tecido ou em papel a ser colado posteriormente, explorando sobreposições e justaposições de elementos.

Por fim, a fase de apresentação e discussão envolve a organização de uma exposição das obras concluídas, permitindo que os artistas apresentem e expliquem suas peças ao público. Esta etapa é crucial para o reconhecimento e a valorização do trabalho desenvolvido. Uma discussão em grupo posterior promove o intercâmbio de experiências, desafios e descobertas, enriquecendo a compreensão coletiva sobre as práticas artísticas.

Leonilson, [Incêndio a bordo] (1987) Tinta acrílica, linha e flor de plástico sobre guardanapos de tecido de algodão



Fonte: www.projetoleonilson.com.br

A metodologia artística inspirada em José Leonilson se alinha à visão do arte-educador Wagner Barja (2008) que afirma que "Intervir é interagir, causar reações diretas ou indiretas, em síntese, é tornar uma obra interrelacional com o seu meio, por mais complexo que seja, considerando-se o seu contexto histórico, sociopolítico e cultural"(BARJA, p. 214). Nesse sentido, a criação de obras que utilizem suporte em tecido, bordados, recortes, colagens e desenhos diversos não apenas reflete a subjetividade e experiências pessoais dos artistas, remexendo em seus “baús” de memória, mas também interage profundamente com o ambiente e a sociedade ao seu redor. Cada peça não é apenas uma expressão individual, mas uma intervenção que dialoga com seu contexto histórico, sociopolítico e cultural, provocando reações e reflexões tanto no criador quanto no observador, e contribuindo para uma compreensão mais rica e multifacetada da realidade compartilhada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As intervenções são manifestações organizadas por grupos de artistas com o propósito de transmitir mensagens profundas e impactantes, frequentemente abordando questões sociais, políticas e culturais. Esse tipo de arte visa não apenas questionar, mas também transformar a vida cotidiana, provocando reflexões e reações nos espectadores. A Intervenção Urbana, em particular, é um termo utilizado para designar movimentos artísticos que se expressam através de intervenções visuais realizadas em espaços públicos. Essas intervenções podem assumir diversas formas, desde grafites e murais até performances e instalações temporárias, e são projetadas para interagir diretamente com o ambiente urbano e seus habitantes, desafiando percepções convencionais e incentivando novos modos de ver e vivenciar a cidade. Através dessas ações, os artistas não só enriquecem o cenário urbano, mas também fomentam um diálogo contínuo entre a arte, o espaço público e a comunidade, contribuindo para uma transformação social e cultural mais ampla.

Pensando no conceito de intervenção, foi construído o processo final desta proposta que

ampliou percepções sobre repertório e bagagem cultural, apresentados nas narrativas visuais dos estudantes, compostas por fragmentos de memórias e estilhaços de lembranças (DELEUZE, 2006), (des)estruturando questionamentos e coexistindo retalhos de múltiplos tempos. A própria linguagem da intervenção coloca-se como instrumento crítico e investigativo dos valores e identidades de uma sociedade (BARJA, 2008), desmistificando noções fixas sobre os “vazios de conhecimento” atrelados, muitas vezes, aos calouros das universidades, como apresentado no problema desta proposta.

Nesta seção, é apresentado as imagens dos registros feitos na intervenção que ocorreu no final do primeiro semestre do ano de 2017, nos corredores do prédio do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria/RS, na qual as composições exibiam questionamentos pertinentes a partir dos repertórios de memórias dos acadêmicos. Tais fragmentos de lembranças vieram interligados aos estudos e pesquisas que a turma realizou a partir da sua admissão no curso, além de pensamentos que envolviam críticas e anseios sociais e culturais.

S/ título, acadêmico A* (2017) Fonte: arquivo pessoal



S/ título, acadêmico B* (2017)
Fonte: arquivo pessoal



S/ título, acadêmico C* (2017)
Fonte: arquivo pessoal



A instalação feita com retalhos foi uma forma de apresentar essas histórias artísticas de maneira tangível. Expostas nos corredores do prédio, as peças permitiram que cada pessoa que passasse por elas estabelecesse uma relação única, observando-as de diferentes ângulos e, inclusive, registrando suas próprias impressões. Essas criações plásticas resultaram em escritos sobre o trabalho que envolvem a bagagem cultural de um coletivo e seu repertório imagético, caracterizados por um tom poético, pessoal e intrínseco, revelando o profundo envolvimento de cada estudante com a proposta do projeto.

Título: “LOGO EXISTO?”, acadêmico D* (2017) Fonte: arquivo pessoal



S/ título, acadêmico E* (2017)
Fonte: arquivo pessoal



S/ título, acadêmico F* (2017)
Fonte: arquivo pessoal



Na época em que a intervenção foi montada no prédio do Curso de Artes Visuais, optamos por não identificar cada produção, justamente para que os estudantes se sentissem livres e a vontade para retratar sua forma de pensamento, sem receio de represálias e, mantenho neste recorte de escrita, a mesma escolha. A instalação foi organizada como uma imensa “teia” pelos corredores e escadarias, o que dificultava a passagem rotineira, forçando o espectador (que por ali necessitava atravessar), ao foco da atenção das criações, que posteriormente, chamamos de retalhos de memória. A duração da intervenção foi em torno de três semanas e, com o passar dos dias, foi observado algumas linhas arrebentadas, subtração de alguns trabalhos e reclamações, muitas reclamações, em sua grande maioria, pelo corpo docente mais antigo. Segundo os próprios acadêmicos, com o processo final encerrado e alguns encontros posteriores a estes acontecimentos, definimos que: - “a proposta cumpriu seu papel” -, afinal, para que[m] serve a arte?

4 CONCLUSÃO

A pesquisa apresentada neste texto é um recorte que aborda a sondagem das bagagens

culturais e artísticas dos estudantes, desafiando a noção de 'vazio' frequentemente atribuída aos calouros universitários. Ao ingressarem no ambiente acadêmico, os alunos enfrentam inúmeras incertezas que podem paralisar sua criatividade, especialmente no curso de Artes Visuais, onde a falta de estímulo adequado pode gerar sentimentos de estagnação. Este estudo visa, portanto, incentivar questionamentos fundamentais para a pesquisa artística, como a exploração de materialidades, o reconhecimento de artistas influentes e a valorização dessa bagagem cultural individual.

A metodologia adotada incluiu a produção de retalhos de memória nas primeiras aulas do curso de Artes Visuais, ministradas no primeiro semestre de 2017 na Universidade Federal de Santa Maria. Essa abordagem buscou despertar a curiosidade dos acadêmicos e integrar suas percepções sobre arte além do currículo formal. A valorização das bagagens culturais, repertórios e narrativas artísticas dos estudantes justifica-se pela necessidade de compreender como essas experiências influenciam a prática artística no contexto universitário, contribuindo para uma educação mais inclusiva e contextualizada.

Ao utilizar o conceito de memória involuntária ou fragmentada, a pesquisa permitiu que os estudantes conectassem suas experiências pessoais com a produção artística, enriquecendo o processo criativo. As intervenções realizadas no ambiente universitário facilitaram a exposição e conexão com as narrativas escritas e visuais, oferecendo caminhos metodológicos variados para futuras práticas educacionais. Com isso, os acadêmicos tiveram a oportunidade de revisitar suas memórias, utilizando fragmentos dessas lembranças para criar obras significativas e contextualmente ricas, promovendo uma reflexão profunda sobre suas práticas artísticas e a influência de suas vivências culturais, dentro e fora do campo das artes.

REFERÊNCIAS

BARJA, W. Intervenção/terinvenção: a arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, Brasília, DF, v. 1 n. 1, p. 213-218, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

OLIVEIRA, Marilda O. de. Diário de aula como instrumento metodológico da prática educativa. In: **Revista Lusófona de Educação**. Edição: Centro de estudos interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CEIED); Instituto de Educação – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2014.

PROJETO LEONILSON. Instituição Cultural considerada como centro de referência da vida e obra do artista José Leonilson. Disponível em: www.projetoleonilson.com.br
Acesso em: 27 de maio de 2024.